



PROGRAMA CIRCUITO, TV CULTURA DO PARÁ: CRÍTICA DE ARTE E JORNALISMO CULTURA

Joel Cardoso (UFPA)
Ana Paula Andrade (UFPA)

RESUMO

O presente trabalho faz uma análise da construção conceitual de matérias do programa Circuito, exibido pela TV Cultura do Pará. Este é um programa segmentado no campo da arte, que surge com a proposta de dar visibilidade ao cenário artístico paraense com uma abordagem mais aprofundada desta temática. Será que a meta está sendo cumprida? A partir de leituras sobre Crítica da Arte e Jornalismo Cultural e de autores como Argan e Piza, analisaremos matérias sobre literatura, cinema, teatro e artes visuais veiculadas, para verificar se questões como por exemplo: contextualizações históricas, relação da obra com o artista e processos criativos, são consideradas na construção da informação sobre arte no programa Circuito. Também são observados os canais de comunicação para aproximação com o público, pois além da televisão, o Circuito também está nas mídias sociais, uma maneira de expandir a visibilidade da arte produzida no Pará, neste ponto analisaremos como se dá esta divulgação nas redes e se há alguma adaptação da informação para a internet.

PALAVRAS-CHAVE: Televisão. Arte. Literatura. Texto jornalístico. Novas mídias.

O Programa Circuito

O Circuito é um programa de TV produzido e exibido pela TV Cultura do Pará, emissora de televisão pública estadual. O programa começou a ser concebido no segundo semestre do ano de 2014. Em Junho de 2015, completamente estruturado em conceito e formato, ele foi colocado no ar. A linha editorial do programa contempla a arte, em todas as suas representações, como informação principal. E o grande desafio do projeto é utilizar a televisão- meio de comunicação de massa que tem por natureza a pasteurização dos discursos e conteúdos- para dar visibilidade e aprofundamento a pautas referentes ao cenário de arte paraense. A estruturação conceitual do Circuito surge alicerçada em reflexões e cruzamentos sobre conteúdos de Crítica de Arte e de

Jornalismo Cultural, propondo-se um caminho a ser seguido na construção de informações sobre arte pelos veículos de comunicação televisiva.

Arte e Televisão: uma parceria com benefícios para o público

O valor artístico de um objeto, representado em sua mensagem, é a forma em que é constituído, apresentado. Estas formas valem como significante das obras no momento em que uma consciência atribui significado a elas. Para Argan (1994), “uma obra de arte é uma obra de arte apenas na medida em que a consciência a recebe e julga como tal”.

Ainda hoje a arte tenta romper as barreiras e desmistificar a imagem elitista, de um campo complexo e difícil de entender, distante da realidade, algo escondido em museus, teatros e galerias. Arte não é só para acadêmicos, artistas e críticos: destina-se à sociedade. Afinal, está ligada à história da humanidade e suas conquistas, à natureza humana e seu simbolismo, à herança cultural dos grupos e ao desenvolvimento individual das pessoas. Para Costa (2004), despertar a intuição artística, desenvolver as suas formas de expressão e ampliar nossa capacidade de absorvê-la está relacionada intimamente com o despertar de nossa humanidade.

A arte é para sociedade tanto quanto nasce da cultura social. Surge de reflexões e experiências dentro de uma dada cultura e propõe a libertação de olhar a realidade sob novas perspectivas.

A arte se manifesta nas culturas ou nas camadas culturais que, em qualquer tempo ou lugar, fundamentam a realidade social, sempre e tão só no contexto de uma ética dos valores, isto é, de uma concepção da vida como trabalho produtivo, das relações humanas como intercâmbio de experiências, da política como dialética de autoridade e de liberdade. Em toda a sua história, a arte sempre se encontra no polo oposto do poder carismático e do dogmatismo político. Mesmo quando se apresenta normalmente sujeita a um poder despótico, faraônico, resgata e realiza em si, em seu fazer-se, a liberdade negada pelo sistema. (ARGAN, 2005, p. 42)

Para Costa (2004), nós nos tornamos mais humanos quanto mais próximos da arte nos colocamos. As conquistas do homem contemporâneo passam pela consciência do incalculável valor da arte, um patrimônio que nos identifica, aproxima e universaliza.

A sensibilização para a arte precisa ser exercitada. Principalmente em regiões com baixos investimentos, incentivos e procura do público para a arte – como, no caso, o estado do Pará.

É no ato de leitura das obras que o homem se familiariza com as linguagens. Mais do que na escola e nos livros, é nas galerias, teatros, museus, ou onde estiver a obra estética, que os olhares são construídos. A obra de arte pede público, a comunicação pode ser realmente social e contribuir para levar a população aos espaços destinados às artes. A TV pode, além de promover o universo da arte, contribuir para a sensibilização do público.

A busca por abrir janelas dentro dos veículos televisivos, que possam dar visibilidade para informações sobre arte, é também uma tentativa de valorização dos veículos, humanização do trabalho do jornalista e principalmente uma preocupação com o público, para que as mensagens que recebe sejam muito mais que “produtos enlatados” e possam contribuir para educação e informação do mesmo. A colaboração entre as duas áreas- Arte e televisão- pode levar a interações, de modo que haja um enriquecimento mútuo, com benefícios para a sociedade. (LE COADIC, 2004)

A linguagem da Arte e a linguagem da TV

Qual o significado de uma obra de arte? Muitos. A interpretação de uma obra é múltipla, depende do ponto de vista sob qual é analisada, de quem a significa, do contexto em que ocorre a significação, entre outros fatores.

A obra de arte é uma mensagem, onde o artista se comunica com o mundo. Ela pode utilizar os mais variados signos, seja sonoro (música), visual (artes plásticas) ou linguístico (literatura), ou ainda um pouco de todos (teatro, dança). O certo é que estes signos se transformam em plurissignos, ou seja, em símbolos e estes exigem uma capacidade de abstração e imaginação humana para decodificação da mensagem artística. É uma realidade perceptível pelos sentidos e mediante a qual expressamos outra realidade.

Para interagir com a mensagem artística é necessário o contato com sua representação material, concreta. Em BONNEMASOU (2002), a forma, o tipo de pincelada, a repetição de elementos, o ritmo, a aliteração e tantos outros recursos são

capazes de prender a atenção humana em busca de compreender os sentidos da obra artística, ausentes ou metafóricos, ao invés de deter-se apenas ao sentido literal da obra.

Avaliando este contexto pelas funções de linguagem, em arte, haveria então uma ruptura entre a função referencial e a poética, já que o valor da arte está no signo e não no objeto. Diferentemente da referencial, é a função linguagem poética que se fundamenta no signo, o objeto não possui grande relevância.

Eis que para desenvolver a sensação da vida, para sentir os objetos, para experimentar que a pedra é de pedra, existe o que se chama arte. A finalidade da arte é dar uma sensação do objeto como visão e não como reconhecimento; o procedimento da arte é o procedimento de singularização dos objetos e o procedimento que consiste em obscurecer a forma, a aumentar a dificuldade e a duração da percepção. O ato de percepção em arte é um fim em si mesmo e deve ser prolongado; a arte é um meio de experimentar o tornar-se do objeto, o que já se “ tornou” não importa para a arte. (Chklovski Apud BENNEMASOU, 2002, p.2)

Nesta linguagem poética, voltada para o signo, a expressão literal ganha sentido metafórico, levando a polissemia na linguagem. Neste momento, separa-se essencialmente a linguagem da arte e a linguagem do sentido monossêmico, buscada nas matérias jornalísticas televisivas, que visam uniformizar as informações para que atinjam os mais variados públicos objetivamente. Na TV, o texto deve ser direto, objetivo, evitar frases intercaladas e manter relação com a imagem. A palavra esclarece, a imagem mostra. Para escrever para jornais de TV aberta devemos, segundo Paternostro (2006) destacar algumas características deste meio, como: a informação visual que transcende idiomas; a instantaneidade, a informação é recebida no mesmo momento em que é emitida; o alcance, atingindo públicos variados; superficialidade; audiência e interesse comercial. Ao construir a matéria telejornalística, o repórter deve manter um raciocínio claro e coerente, contar uma história com começo, meio e fim.

A linguagem artística é bem diferente. Ela possibilita uma vasta possibilidade de significações. Quanto maior a capacidade de interpretação, associação e de correlação simbólica por parte do receptor, mais ricas são as significações e conotações da linguagem artística. O processo de interpretação desta linguagem se desenvolve em cadeia, quanto maior a vivência da arte, maiores as possibilidades de compreendê-la, mais intimidade se cria com o campo. A sensibilidade artística é desenvolvida no contato, na educação, no conhecimento das correntes estéticas e história da arte.

Para abarcar sua riqueza significativa, a leitura da obra deve, então, estar pautada em aspectos forma e conteúdo, abrangendo a dimensão técnico-formal, a simbólica e ainda contextual, esta última é referente aos elementos exteriores à obra como, por exemplo: História da obra, contextualização, correlação com escolas, história da arte, pensamentos, sociedade; história do artista, biografia, seu percurso na arte; o olhar do artista sobre sua obra.

Jornalismo Cultural x Crítica de Arte

As abordagens sobre Arte realizadas pela imprensa, em sua maioria são notícias. É considerada uma perda para o jornalismo a submissão ao cronograma de eventos culturais. A notícia, quase sempre, só acontece em lançamentos de filmes, livros, exposições. E o depois? Não se deve negligenciar os efeitos da obra. Qual foi sua verdadeira importância para a sociedade? Esta também deve ser uma informação repensada e repassada ao público. Mais que a notícia¹, às vezes repassada quase como nos releases, é preciso pensar em reportagens² e analisar contextos.

O jornalismo que faz parte desta história de ampliação do acesso a produtos culturais, desprovidos de utilidade prática imediata, precisa saber observar esse mercado sem preconceitos ideológicos, sem parcialidade política. Por outro lado, como a função jornalística é selecionar aquilo que reporta (editar, hierarquizar, comentar, analisar), influir sobre tudo os critérios de escolha dos leitores, fornecer elementos e argumentos para a sua opinião, a imprensa cultural tem o dever do senso crítico, da avaliação de cada obra cultural e das tendências que o mercado valoriza por seus interesses, e o dever de olhar para as induções simbólicas e morais que o cidadão recebe. (PIZA, 2003, p. 45)

O Jornalismo Cultural deve ser aberto e buscar a democratização das informações, sem menosprezar os possíveis temas a serem abordados. A cultura não é algo elitizado, não sob esta ótica banal de que conhecimento é para “eleitos” ou “privilegiados”. Elite para este deve ser o que há de maior qualidade em relação ao que é produzido, não interessam origens e classes sociais. Seja música pop, erudita, ou mesmo um filme hollywoodiano, é preciso olhar a pauta sem preconceitos e a abordá-la sem simplismo, maniqueísmo ou achismos – dentro deste último aspecto temos o juízo de gosto, característica tão inadmissível quanto a interpretação pessoal da obra, sem fundamentação; ou ainda confundir afinidades pessoais com avaliações estéticas.

¹ Fato ou tema novo e relevante para a sociedade

² Aprofundamento de informações sobre determinado tema, com levantamento de conteúdo, entrevistas e busca de várias versões sobre o mesmo.

Temas eruditos podem ser tratados com leveza, assim como o entretenimento pode ir além do superficial. Para Piza (2011), ao longo da história, a cultura sempre demonstrou aspectos de entretenimento, isso mesmo, este gênero tão questionado se mostra bem próximo das representações culturais em vários momentos. Gregos acompanhavam teatro na era clássica, assim como a população brasileira acompanha, hoje, as novelas televisivas. Mozart e Beethoven lotavam óperas e eram famosos a ponto de dar autógrafos nas ruas. Dickens e Balzac eram lidos tanto por intelectuais, quanto pela classe média. Vários exemplos demonstram que não há porque desvincular esta característica de entretenimento do cultural. Não é papel do Jornalismo Cultural tentar romper a ligação entre ambos, mas sim o de identificar em obras e ideias o que vai transcender aos modismos e marcar, se tornar uma referência para gerações.

Vale também ressaltar que no cenário de produções culturais, muito voltado para a indústria do entretenimento, o jornalismo cultural não deve se resumir a serviços. Ora, a matéria não deve existir só para anunciar um espetáculo. Literatura, dança, música, exposições, artes em geral, esses temas tão abrangentes e que por si só abrem outros universos de informações, não devem se resumir à agendas. Infelizmente, o cenário atual do jornalismo segue este modelo. A realidade é que uma matéria jornalística deve ser também encarada como um produto cultural que pode estimular o contato direto do público com os temas abordados e não apenas com os espetáculos.

Em sua construção, o jornalismo cultural tem que seguir as velhas regras de um bom texto jornalístico, buscando clareza, coerência e agilidade. Também deve informar o leitor sobre as características gerais da obra, sua estrutura, sua linguagem, apontar sua história, falar de seu autor e da importância do mesmo, assim como os temas e percepções com que trabalha. E, principalmente, tem que ser um texto que demonstre criatividade e preparo intelectual para ir além do objeto analisado, usando-o para refletir sobre um aspecto da realidade.

A objetividade jornalística não exclui boas metáforas, riqueza verbal e humor. Além dos padrões, o texto deve ser atraente, evitar adjetivações, hierarquizar informações, ser cauteloso na utilização de advérbios, evitar chavões, termos pomposos e clichês, e traduzir jargões e termos específicos da área ou tema abordados.

Por fim, deve combinar ainda atributos como sinceridade e foco e ser uma peça cultural, trazer novidade e reflexão para o receptor, ser prazeroso por sua beleza, sagacidade ou argúcia.

Questionam-se as abordagens atuais do Jornalismo Cultural, para que este seja realizado com qualidade, sendo capaz de convidar e provocar o leitor a conhecer o novo, instigar através de novos pontos de vista. Mas tem uma outra importante questão a ser transposta: o alcance do jornalismo cultural à outros meios de comunicação, não só os impressos. Uma das principais mídias que poderia reforçar as temáticas culturais, principalmente por seu poder de visibilidade, é a televisiva.

Com raras exceções em emissoras de TVs públicas e em canais de TV à cabo, os telejornais só abordam matérias culturais na morte de celebridades, grandes lançamentos ou em pautas recomendadas. As matérias são vistas como ideais para encerrar os telejornais, pela superficialidade e tom direcionado apenas ao entretenimento. Nem mesmo os grandes programas de reportagem, que abordam os mais variados temas, como saúde, natureza, crime, costumam abrir espaço para as temáticas culturais e artísticas.

Repensar a importância das informações sobre cultura - em um país onde o orçamento para cultura não chega a 1%³, o mínimo recomendado pela Unesco⁴ - é reforçar as estruturas ligadas à cultura em todos os níveis, sejam eles nacionais, ou locais, dando visibilidade também aos autores e suas obras e instigando os receptores a um contato com as mesmas, contribuindo com a formação de público.

Para uma abordagem completa da informação sobre Arte, é interessante buscar contribuições na Crítica de Arte. Neste contexto, ao abordar uma obra de arte, além de declarar se a ela tem valor artístico, tem que localizá-la espacial e temporalmente, também a coordenando com outras obras as quais está relacionada, explicando a situação em que foi produzida e suas consequências.

Noutros tempos, os parâmetros do juízo de valor foram o belo, a fidelidade na imitação da natureza, a conformidade com certos cânones icônicos ou formais, o significado religioso, etc. Para nossa cultura, que se baseia na ciência e considera a história a ciência que estuda as ações humana, o parâmetro do juízo é a história.

Uma obra é vista como obra de arte quando tem importância na história da arte e contribui para formação e desenvolvimento de uma cultura artística. Enfim: o juízo, que reconhece a qualidade artística de uma obra, dela reconhece ao mesmo tempo a historicidade. (ARGAN, 1992, pgs. 18 e 19)

No levantamento de informações sobre a produção da obra está também a compreensão do fazer artístico, de sua relação com seu criador. Cada artista pode

³ Dados de 2009 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, IBGE.

⁴ Organização das Nações Unidas para a Educação.

trabalhar com uma noção de estética particular, estando ligado à questões teóricas, ou apenas à sensibilidade. Ele pode criar depositando valor estético no fazer, no cuidado, na perícia, nas sensações, ou, diferentemente, identificando-se com uma ideia universal de arte criar sua obra por aproximação com estas ideias. Este é um dos princípios para sua compreensão, é preciso entender a obra a partir do artista que a criou, como a criou, em que circunstância e para quem.

Se a arte é um dos grandes tipos de estrutura cultural, a análise da obra deve dizer respeito, de um lado, à matéria estruturada, de outro ao processo de estruturação. Em cada objeto artístico se reconhece facilmente um sedimento de noções que o artista tem em comum com a sociedade de que faz parte, sendo como a linguagem histórica e falada de que se serve o poeta. Acima dele encontra-se sempre uma camada cultural mais especificamente orientada e intencionada que poderia ser dita profissional. É o que Venturi chamou de gosto e que se compreende sobre a arte e as preferências artísticas, os conhecimentos técnicos, os modos convencionais de representação, as normas as normas ou as tradições iconográficas e, até mesmo certas predileções estilísticas geralmente comuns aos artistas do mesmo círculo cultural. Há, por fim, a última camada, cuja composição escapa à análise conduzida segundo modelos culturais determinados e que constitui a contribuição pessoal, inovadora do artista.” (ARGAN, 2005, pg. 29)

É este interesse pelos diversos detalhes da obra que fazem transcender ao conhecimento empírico, levando a proposições teóricas. Daí a importância de pesquisar o valor das obras, em que consistem, como são geradas, são transmitidas, são reconhecidas e usufruídas.

Somando-se os conceitos utilizados pela Crítica de Arte aos conceitos utilizados pelo Jornalismo Cultural, chega-se conclusões sobre o que deve realmente ser observado em uma obra de arte para constituição de um texto que não reflita apenas as sensações de um contato que qualquer observador possa ter com a obra estética e sim uma visão profissional sobre o tema, mesmo que esta não venha de um jornalista especialista em arte.

Na busca por um olhar especializado, os campos do jornalismo e da crítica cultural se encontram e algumas questões se tornam unanimidade. É o caso, por exemplo, da importância de análises contextualizadas com questões do presente e do passado, relacionando a obra com fatos históricos, com a história da arte, buscando as influências e conexões que ela traz com a arte produzida em outros períodos.

Outra questão frisada por ambos é a necessidade de se conhecer o autor da obra, em uma biografia que aborde suas influências, seus objetivos com determinada criação,

além, claro, do sistema social e cultural em que foi produzida, ou seja, o cenário em que nasce.

Os apontamentos aqui levantados serão utilizados para compreensão de como atua e do papel do Programa Circuito dentro do cenário paraense.

A aplicação de conceitos no programa Circuito

A compreensão sobre a mídia televisiva e suas características e comum uso para massificação de discursos, a compreensão da arte com sua carga polissêmica e a reflexão sobre conceitos de “crítica de arte” e de “jornalismo cultural” para uma abordagem mais aprofundada e coerente da informação sobre as obras artísticas são de fundamental importância para compreensão dos pilares que estruturam e influenciam o trabalho desenvolvido pelo programa Circuito.

Primeiramente, para tratar de um objeto polissêmico, a simplificação do discurso pasteurizante da mídia é substituída pela tentativa de realizar um programa com temática especializada e com tempo maior para a emissão da mensagem sobre arte. Enquanto as matérias de TV mais comuns, veiculadas em programas jornalísticos tem um tempo aproximado de um minuto e meio, no Circuito elas tem de dois minutos e meio a oito minutos e meio, dependendo do quadro. Esta é outra característica que luta contra a superficialidade de abordagens comuns na TV, a criação de quadros para o programa, foi pensada para dar visibilidade as várias expressões artísticas, democratizando o espaço. Na matéria principal, a equipe vai ao local onde a obra se desenvolve para mostrar técnicas, processos criativos, influências e contexto em que a obra é produzida. No segundo quadro, o Vitrine, a ideia é mostrar um produto artístico que possa ser consumido pelo público, como livros, CDs, cursos e outros projetos onde as pessoas possam participar. No quadro “Galeria”, o programa destaca o processo criativo do artista de uma forma sensível, colocando-o em diálogo direto com o público, adentrando suas ideias e pensamentos, dá espaço para artistas de variadas linguagens artísticas. Na sequência, realiza-se uma entrevista que pode chegar até a oito minutos e meio, aqui mostram-se trabalhos mais recentes e também um pouco da biografia do artista. O programa finaliza cedendo um espaço de até seis minutos para produções audiovisuais de artistas, que muitas vezes não tem espaço para veicular suas obras, aqui são exibidos desde curtas ficcionais até videodança, videoarte, ou videoclipes musicais.

As palavras incentivar, aprofundar e democratizar resumem o trabalho do Circuito dentro do cenário artístico paraense. A estrutura do programa e a linha editorial mostram sua busca incessante por aproximar a mídia televisiva do campo das artes com benefícios para o público - que recebe informações que muitas vezes não tem vazão nos outros canais de comunicação e ainda com boa qualidade de apuração e também estética diferenciada- e para os artistas, com visibilidade dos trabalhos e de ampliação do seu alcance a um público maior e mais diversificado. É, por fim, uma busca por fazer o campo da arte ficar mais valorizado, movimentado e fomentar a busca do público por frequentar os espaços dedicados a arte.

Quanto as abordagens de conteúdo nos quadros, entrevista e matérias do programa, pesam os principais conceitos de bebidos na fontes do “Jornalismo Cultural” e da “Crítica de Arte”:

- Não se fechar a agenda/cronograma de eventos, dando visibilidade a artistas e obras que não estejam apenas pautadas para os teatros e galerias, trazendo reflexões atemporais e conceituais para o público. Apesar disso, o serviço da agenda é importante para convidar e atrair o público para um contato direto com a arte, afinal o programa é somente um interlocutor, para isso, foi criado um interprograma “Circuito da Semana” que traz as informações básicas sobre os principais eventos e é exibida nos intervalos da programação da TV.

- O texto construído para abordar as temáticas explora metáforas, riqueza verbal poesia e humor, tudo para torná-lo ainda mais atraente ao público. Este texto é escrito não só com palavras, mas também com imagens, afinal estamos falando de TV, logo a plástica das imagens, os enquadramentos, a iluminação e os efeitos de edição são cuidadosos e buscam tornar o programa agradável aos olhos, seduzindo o telespectador.

- Pautas de gêneros e linguagens artísticas diferentes, não fazendo juízo de valor entre o que é de origem erudita ou popular. O programa é apenas um interlocutor, logo, não realiza crítica ou avaliação de obras.

- Busca-se com frequência a contextualização da obra, localizando-a espacial e temporalmente, mostrando suas referências e inspirações, revelando técnicas de produção e ainda sua relação com seu criador, a partir das reflexões do artista/criador, influências estéticas e biografia.

Dentre estas abordagens que realizam a espinha dorsal do programa Circuito, uma foi bastante desafiadora, como aprofundar as informações sobre obras literárias sem o suporte de imagens? Afinal, é difícil segurar um grande tempo de produção televisiva com apenas imagens de um livro. A tendência é cair na repetição de imagens e monotonia. Para isso, adaptou-se o quadro “Vitrine”, com arte de fundo realizada em *chroma key*⁵, trazendo não só imagens do livro, como do escritor e de suas referências. O artista fica em primeiro plano falando sobre a obra, enquanto estas imagens se deslocam no fundo. O quadro se tornou atraente, com edição dinâmica e atraente e tem uma repercussão muito boa junto ao público, tendo muitas visualizações e compartilhamentos, após o programa ser colocado no site da emissora e nas redes sociais.

Aliás, a adaptação de conteúdo para internet e redes sociais corrobora com os objetivos principais do programa de incentivar e divulgar o cenário da arte no Pará. Essa visão veio desde sua estruturação. O programa foi dividido em quadros, justamente para que esses fossem posteriormente fragmentados, podendo ser publicados em pílulas na internet, facilitando o compartilhamento e visualizações das informações, pois pesquisas revelam que os internautas preferem conteúdos mais compactos e objetivos. Dessa forma, eles podem escolher os conteúdos de seu interesse, sem precisar visualizar um programa inteiro, que tem o tamanho total de 26 minutos na televisão, um tempo muito longo para a internet.

O contato com os internautas permite o entendimento dos conteúdos que provocam maior interesse e de como está a aceitação do material criado pelo Circuito e ainda é um canal onde a equipe do programa recebe sugestões e pautas para as futuras matérias/quadros.

Conclusão

Em apenas um ano e meio de programa, o Circuito já se tornou uma referência no Pará na divulgação e abordagem dos conteúdos referentes ao cenário artístico do estado. Sendo procurado por artistas e pelo público, recebendo pautas, sugestões e

⁵ É uma técnica de processamento de imagens cujo objetivo é eliminar o fundo de uma imagem para isolar os personagens ou objetos de interesse que posteriormente são combinados com uma outra imagem de fundo. O efeito é utilizado em vídeos para substituir o fundo por algum outro vídeo ou foto.

agradecimentos a cada nova edição do programa. É um dos programas mais visitados e visualizados no site e nas redes sociais da TV Cultura do Pará.

Podemos atribuir esta boa repercussão a esta estruturação conceitual embasada em conhecimentos de “Crítica de Arte” e de “Jornalismo Cultural”, revelando que é possível usar a televisão como uma importante ferramenta de construção de mensagens, provocando a transmissão e o reconhecimento do trabalho dos artistas e estimulando e contribuindo com a ampliação e a formação de um público de arte.

Referências

ARGAN, Giulio Carlo. **Arte e Crítica da Arte**. Lisboa: Editorial Estampa, 2010.

ARGAN, Giulio Carlo. **História da Arte como História da Cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

ARGAN, Giulio Carlo. **Guia de História da Arte**. Lisboa: Editorial Estampa, 1992.

BARBERO, Jesús Martin. **Dos Meios às Mediações**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2001.

BONNEMASOU, Vera. **O objeto de arte como signo estético**. *A Fonte - revista de arte*, Curitiba, dezembro, 2002. Disponível em: www.fonte.ezdir.net. Acessado em setembro de 2011.

COSTA, Cristina. **Questões de Arte**. São Paulo: Moderna, 2004.

FONTES, Carlos. **Navegando na Filosofia: a linguagem da arte**. Disponível em: <http://afilosofia.no.sapo.pt/10valestet.htm>. Acessado em outubro de 2011.

LE COADIC, Yves- François. **A Ciência da Informação**. Brasília: Briquet de Lemos, 2004.

PATERNOSTRO, Vera Íris. **O Texto na TV: Manual de telejornalismo**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.